

## Conteúdos desconhecidos

**Your Time My Space / Film Space  
Film Time / Your Space My Time**  
De Graham Gussin.

Vila do Conde, Solar - Galeria de Arte Cinemática.  
Solar de S. Roque. Tel.: 252646516. Até 16/11. 2ª a 5ª  
das 14h30 às 18h. 6ª das 14h30 às 00h. Sáb. das 10h  
às 00h. Dom. das 10h às 18h.

☆☆☆☆☆

Graham Gussin (Londres, 1960) foi um dos participantes na exposição "A Pasta de Walter Benjamin", no antigo edifício das Moagens Harmonia, no Porto, no âmbito das II Jornadas de Arte Contemporânea em 1993. Comissariada por Andrew Renton, revelou por cá uma série de artistas britânicos que começavam a ganhar visibilidade internacional, como Christine Borland, Douglas Gordon e Janet Wilson/ Louise Wilson. Esta colectiva foi um acontecimento, não só pela qualidade dos trabalhos apresentados e o modo como se relacionavam com o tema proposto - o desaparecimento da mala do filósofo alemão, durante os acontecimentos que culminaram na sua morte em Portbou -, mas também pelo modelo conceptual proposto, estranho às singularidades locais, na época limitadas por um academismo fechado sobre si mesmo.

O trabalho "sem título" proposto então por Gussin continha já algumas características que continuam presentes na sua obra recente. Ele dividia-se em duas partes: uma exterior, um desenho mural de um abrigo, e outra, no interior da fábrica - um "road movie", a preto e branco, que documentava uma viagem do aeroporto até ao local da exposição. Como assinala o texto do catálogo: "O filme parece incluir tudo e parece, portanto, também neutral na sua imagem da cidade. A câmara, afinal de contas, só olha para a frente, e faz a sua viagem, mais ou menos em tempo real. Mas até mesmo ela, com a sua lente de grande alcance, vê de um modo restrito diferente do nosso."

Na Solar não se pode deixar de lembrar da obra de 1993, filmada em 16mm, quando se observa a instalação "Remote Viewer" (2002), trabalho rodado em simultâneo na Islândia e em Londres. Neste caso, o artista documenta, em tempo real, o seu percurso através da paisagem até Askja, outro "road movie", e as imagens de um "espectador remoto", sentado na capital inglesa, enquanto tenta localizar

telepaticamente Gussin, de modo a registar graficamente a viagem. Estamos de novo perante um diálogo entre interior/ exterior, entre o abrigo londrino e o confronto com a natureza, entre sensações, geografias e planos de leitura distintos, que se cruzam de modo enigmático nas percepções de um anónimo e se prolongam no público, numa permanente e circular transmissão de energias e testemunhos.

A mostra, comissariada por Miguel von Hafe Pérez, tem muitos pontos de contacto com o cinema. Duas obras cruzam-se entre si, os vídeos fantasmáticos "Ambient Horror (Day of The Dead Fifteen Layers)", de 2006, onde se sobrepõem várias camadas de um filme de George A. Romero até o visível ser apenas um plano de luz onde as imagens se consomem umas às outras, tornando-se assim quase invisíveis, e "Dark Light Piece (Night of the Living Dead)", de 2002, baseada noutro filme de Romero - neste caso, aquilo que se observa é luminosidade das ondas sinusoidais captadas a partir da acção presente na película. Estes

trabalhos, juntamente com a fotografia "Know Nothing (self portrait as X-the Man with X-Ray Eyes)", podem ser aproximados de algumas criações de Douglas Gordon, nomeadamente aquelas onde existe uma relação dicotómica entre o negativo e positivo de uma imagem.

A exposição inclui ainda um "Deliverance Mobile", onde à citação de Calder, presente noutras obras de Gussin, se junta a do filme realizado por John Boorman, em 1972, agora desconstruído nas imagens que figuram na escultura; a projecção "Untitled Film" (1997-2003) e "Film poster", de 2008, dos trabalhos nos quais a linguagem é o elemento central; o vídeo "Fall (7200-1)", de 1997, onde a acção, determinada por um programa aleatório, pode ou não acontecer durante a visita à mostra; e "Spill", um filme de 16mm, datado de 1999: a crescente invasão de uma fábrica abandonada por um nevoeiro fabricado. Tal como acontece com a pasta de Benjamin, o conteúdo daquele lugar, a sua existência prévia, é-nos desconhecido. Tudo parece existir no limbo entre o real e o artifício. **Oscar Faria**

